



Comunicação COVID19
Ponto de situação 12 abril

Domingo, 12 de abril de 2020



INFECTADOS CONFIRMADOS

16.585 CASOS DE COVID-19



598 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFECTADOS SUBIU 3,74 %



ÓBITOS

504 VÍTIMAS MORTAIS



34 VÍTIMAS

NORTE- 280

CENTRO-120

LISBOA E VALE DO TEJO- 91

ALENTEJO-0

ALGARVE-9

AÇORES-4

MADEIRA-0



277 CASOS DE RECUPERAÇÃO

3.611 AGUARDAM RESULTADOS

136.243 CASOS SUSPEITOS DESDE 1 JAN.

1177 INTERNADOS (7%) / 228 EM UCI (1,37%)

Percentagens em relação ao total de infetados

ATUALIDADE

"Idosos podem ter de isolar-se até ao fim do ano", avisa presidente da **Comissão Europeia**.

Comissão Europeia desaconselha reservas de férias de verão.

Número de mortos cresce em **Espanha**: "Os dados serão melhores nas próximas semanas", diz Pedro Sánchez.

Há 1.849 profissionais de saúde infetados – **DGS** .

Poluição do ar em Portugal provoca em média seis mil mortos por ano

"Indiferença, egoísmo, divisão, esquecimento não são realmente as palavras que queremos ouvir neste momento.", **Papa Francisco**





MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA



Ensino à distância excluiu quase metade dos alunos do 1.º ciclo. Inquérito da Católica para Público e RTP mostra que um terço dos portugueses perdeu rendimentos com a pandemia. Governo lança programa para levar computadores e internet a todos os alunos. Estado paga até 13 mil euros por cada doente que transfira para privados. Parlamento - Bloco Central resolveu 60% das últimas votações. Pós-pandemia - O preço a pagar é sermos mais vigiados? Slavoj Žižek- Ensaio exclusivo sobre o que se segue à crise da covid-19. **(Online)**- Covid-19. “Sem uma vacina, temos de limitar o máximo possível o contacto com os idosos”, diz von der Leyen. Efeitos económicos do coronavírus podem prolongar-se por décadas. “Não estamos preparados para olhar para a morte como um problema de higiene pública”.



(Online) - O êxito da Califórnia e o drama de Nova Iorque, na "manta de retalhos" dos EUA. Se for correr com alguém, guardar dois metros de distância não chega. Poluição pode ter agravado o número de mortes por covid-19 em Itália. Bispo de Setúbal “Este vírus veio mostrar que se pode viver decentemente e muito mais feliz com menos - com menos desgaste de recursos, que são para todos e não só para alguns.”.



Função Pública mantém regalias. Não há corte salarial. Carreiras não serão congeladas, nem as promoções. Aumentos chegam dia 20. Juiz recusa libertar assaltante. Presos começaram a ser soltos. Saíram 289. Há caso de reclusos que preferem ficar. Temido queria controlar informação, autarcas furiosos. Costa quer internet para todos os alunos. Sporting corta 40% nos salários. **(Online)** Laboratório

de Wuhan testou coronavírus em morcegos em projeto financiado pelos EUA (Daily Mirror).



Autoridades alarmadas com recorde de detenções. Nascer nos dias da morte. O milagre da manipulação das células. Empresária dá casa a jovens que iam ficar na rua. Cabrito ao domicílio para manter a tradição. Eurocidades. Fecho de fronteiras cancela todas as iniciativas.



(Online) OMS investiga casos de 91 pacientes que deram positivo para covid-19 quando estavam quase a receber alta hospitalar. Ministério da Educação disponibiliza recomendações para segurança no uso de plataformas digitais. "Não é cultural, é estupidez", diz médico de Wuhan sobre não usar máscara.



(Online) Vítor Bento: A dúvida é se a recuperação será em "U" ou em "V".



(Online)- Há 4.000 entidades às quais pode dar 0,5% do IRS. Veja aqui. Passámos “a vida a ignorar” que temos “um problema” de dívida pública, Vítor Bento. Está em teletrabalho? Estas dicas ajudam a ficar melhor na webcam.



(Online)- Estado vai pagar aos privados cerca de 13 mil euros por doente encaminhado pelo SNS. O “processo de libertação de presos está a correr bem”, diz Bastonário da Ordem dos Advogados.



(Online)- Algarve revolta-se: “Invasores têm de sair já”. Associação empresarial exige penalização imediata de infratores e cerco sanitário caso se comprove que vírus está fora de controlo em Albufeira.

OBSERVADOR

(Online)- OMS. Portugal ignorou avisos para comprar material

Desde fevereiro que a OMS alertava para a escassez de equipamento de proteção, como máscaras, luvas ou óculos. Mas Portugal seguiu a tendência da Europa e só fez as primeiras encomendas em março. Três grandes acertam estratégia para cortes salariais de jogadores. Sporting já avançou (e SAD também recebe menos). Se paragem for de seis meses será "muito difícil", Vítor Bento, economista. O relato de enfermeiros portugueses no Reino Unido. Covid-19. Dois terços dos casos graves melhoraram com Remdesivir. "Mentira de Estado". Como França ficou sem máscara. PM da Suécia: "Não fizemos o suficiente".



(Online) Covid-19. Ensino à distância e o regresso à teleescola: aprender sem sair de casa. Por cada morte por coronavírus, há outras três por explicar. Portugal e República Checa à frente no tempo de resposta. Bruxelas. Restrições a pessoas mais velhas podem durar até fim do ano. Vítor Bento: “Vamos ter uma recessão grande. Resta saber qual será a sua duração”.



(Online)- Governo só vai suportar despesas nos privados quando pacientes forem encaminhados pelo SNS.



(Online)- Liberdade? "Jovens mais cedo"; Tripulação dos EUA infetada.

SÁBADO

(Online). Onde está a porta de saída para a crise do coronavírus? Quarentenas VIP: os dias dos aristocratas, empresários e famosos. Portugal perde 236 milhões de impostos para a Holanda. Já ouviu falar em "empresas zombie"? As empresas zombie são definidas pelo economista Fernando Alexandre como negócios com mais de dez anos cujos resultados operacionais não chegam para pagar os juros da dívida num horizonte de três anos.

VISÃO

(Online)- Teresa Pizarro Beleza: "Portugal e o mundo jamais serão como os conhecíamos. Mas é bom lembrar que o inferno já existia".



Libertação de presos está a "correr bem". Restrições a idosos podem durar até final do ano. "Vamos ter uma recessão grande" após pandemia da Covid-19, Vítor Bento.



Aeroporto fantasma. Estado de emergência deixa "mar" de aviões estacionados na Portela. Coronavírus. Alemanha defende "ajuda rápida sem instrumentos de tortura como a troika".

ANTENA 1

Indústria de lanifícios pede apoios para assegurar a próxima coleção. Apenas uma fábrica de confeções do distrito de Castelo Branco não está em 'lay-off'.



EUA com quase 2 mil mortos em 24 horas. Restrições a idosos na UE podem durar até ao fim do ano.



Covid-19: foram libertados 289 reclusos este sábado

A PANDEMIA NA EUROPA E NO RESTO DO MUNDO

- Doença causa mais de 107 mil mortes em todo o **Mundo** – AFP
- Mais de 75.000 mortos na **Europa** - AFP
- **Espanha** com 619 mortes nas últimas 24 horas, número volta a subir.
- **Itália** com 619 mortes em 24 horas volta a ser país com mais vítimas mortais. Total de 19.468 mortes.
- **França** regista quase 14 mil mortos devido ao vírus.
- Novos casos e infeções curadas em número quase semelhante na **Alemanha** (2.673 mortes).
- Mais 917 mortes num dia no **Reino Unido** com total de 9.875
- **Estados Unidos** registam 1.920 mortes em 24 horas. Total de 20.506 mortes.
- **Brasil** tem 1.124 mortes e 20.727 casos confirmados do novo coronavírus
- **China** volta a não registar qualquer morte nas últimas 24 horas.
- Número de mortos em **África** sobe para 744.



FRASES DO DIA

“Quero esclarecer inequivocamente que não há qualquer proibição de partilha de informação. Há, sim, um apelo claro a todas as entidades que integram o **Ministério da Saúde**, em especial as autoridades locais e regionais de saúde, para que se concentram no envio de informação atempada e consistente para o nível nacional. Boletins parcelares podem ser causadores de análises fragmentadas. Acresce, pela dimensão de alguns dados, há a possibilidade de violação do **segredo estatístico**”, Marta Temido, Ministra da Saúde.

“**Estamos numa fase de planalto**”, Marta Temido, Ministra da Saúde.

"Foi um disparate a lei - Saída de reclusos- ter entrado em vigor a um sábado, na véspera da Páscoa", Manuel Soares, líder da Associação Sindical dos Juizes Portugueses

"Não precisamos de soluções antigas, desenhadas para problemas antigos", Margrethe Vestager, vice-presidente da Comissão Europeia.

"Nesta crise, precisamos de ajuda rápida, sem 'ferramentas de tortura', como uma troika ou medidas de austeridade difíceis. Propusemos um pacote que soma mais de 500 bilhões de euros - mais do que jamais foi ativado", Heiko Maas, MNE Alemão

"Se a Europa não estiver unida, as forças antidemocráticas tentarão preencher essa lacuna", Annalena Baerbock, co-líder dos Verdes alemães.

"Vivemos num mercado planetário que falhou em criar fraternidade entre os povos", Edgar Morin, filósofo.

"A unificação técnico-económica do mundo provocada pelo capitalismo agressivo na década de 1990 gerou um enorme paradoxo, que o surgimento do coronavírus, tornou visível a todos: esta interdependência entre países, em vez de favorecer o progresso real da consciência e da compreensão dos povos, desencadeou formas de egoísmo e ultranacionalismo. O vírus desmascarou essa ausência de uma autêntica consciência planetária da humanidade.", Edgar Morin

"As cidades desta epidemia são cidades sem vida, paradas no tempo, sem alegria, são cidades cemitérios. São cidades depois da bomba de neutrões que poupa as coisas, mas mata os seres humanos e os animais. As cidades com vida são grandes criações humanas, quase obras de arte, mas sem dúvida obras de génios, do génio de planeadores e de génios de milhares de indivíduos e de milhões de decisões que, sem plano, convergem e criam. A cidade é um dos cumes da criação social.", António Barreto, Sociólogo.

Número de testes positivos é superior ao número de casos confirmados? Estão a esconder número de infetados?

A diferença entre total de casos de infeção pelo novo coronavírus e total de testes positivos no boletim diário da Direção-Geral da Saúde (DGS) explica-se pelo facto de um mesmo doente ter realizado vários testes que deram resultado positivo.

A explicação foi ontem dada pela ministra da Saúde, Marta Temido, na conferência de imprensa diária da Direção-Geral da Saúde sobre a situação epidemiológica da covid-19 em Portugal.

“Um caso confirmado poderá corresponder a mais do que um teste positivo. Por exemplo, o critério de cura é aferido pela realização de dois testes e se uma pessoa for testada várias vezes porque já não tem sintomas, mas demorar até ter o seu teste confirmado, estes testes contam”, disse a ministra.



EFEITOS ECONÓMICOS DO CORONAVÍRUS PODEM PROLONGAR-SE POR DÉCADAS

Menor dinamismo na actividade económica e, possivelmente, aumentos dos salários reais persistiram durante 40 anos nas pandemias dos últimos sete séculos. Há motivos para pensar que agora pode acontecer o mesmo.

Com a história de anteriores pandemias a servirem como guia, três economistas deixam um aviso: o impacto económico do novo coronavírus não será apenas sentido no curto e médio prazo. O mais provável mesmo é que se possa prolongar por um

período de tempo tão longo como quatro décadas, durante o qual o dinamismo económico será menor, mas os salários reais podem subir.

Numa tentativa de começar a dissipar as enormes incertezas que actualmente existem sobre as consequências económicas da presente crise, Òscar Jordà, Sanjay Singh e Alan M. Taylor, professores de Economia na universidade da Califórnia, decidiram olhar para o passado à procura de pistas que ajudem a decifrar o presente e o futuro. E, assim, dedicaram-se durante as últimas semanas à difícil tarefa de analisar as consequências económica de longo prazo de todas as principais pandemias registadas desde o século XIV.

Observaram, recorrendo a informação disponível na época (essencialmente através de estudos já realizados), 12 pandemias, aquelas que provocaram mais de 100 mil mortes no mundo, uma marca também atingida esta sexta-feira pela actual pandemia. Entre as pandemias observadas estão, por exemplo, as duas mais mortíferas dos últimos sete séculos – a peste negra que provocou 75 milhões de mortes entre 1347 e 1352 e a gripe espanhola que matou cerca de 100 milhões de pessoas entre 1918 e 1920. Estão também pandemias de menor dimensão, provavelmente mais semelhantes às actuais, e onde se inclui por exemplo a recente gripe H1N1.

ESPAÑA

REGRAS PARA O REGRESSO AO TRABALHO A PARTIR DE SEGUNDA/TERÇA FEIRA

A partir de segunda-feira, os estabelecimentos e empresas em Espanha que foram obrigados a encerrar devido à Covid-19 vão reabrir, depois de terem estado durante semanas encerrados. Para um regresso ao trabalho em segurança.

1 Quem tem sintomas não deve ir trabalhar;

2 Se puderem, os espanhóis devem optar pelo transporte privado. Nos transportes públicos, recomenda-se o uso de máscara;

3 Horários serão flexíveis para os trabalhadores;

4 Garantir uma distância de dois metros entre funcionários;

5 No trabalho: usar equipamento de proteção e garantir a distância de segurança;

6 Fardas devem ser lavadas a, pelo menos, 60 graus;

7 Lavar as mãos, não tocar na cara

E a conclusão a que chegaram é que, se a actual pandemia vier a produzir resultados semelhantes às anteriores, o rumo seguido pela economia mundial irá ser, mesmo no longo prazo, fortemente influenciado por esta ocorrência. “Se as tendências se desenrolarem de forma semelhante na sequência da covid-19 – ajustadas à escala da pandemia – a trajectória económica global vai ser muito diferente do que aquilo que era esperado há apenas algumas semanas”, escrevem no estudo “Longer-Run Economic Consequences of Pandemics”, publicado no final do passado mês de Março.

O principal indicador que os autores procuraram analisar nos anos que se seguiram às pandemias foi a taxa natural de juro real, que na prática mostra o nível de rendimento obtido de activos seguros que gera um ponto de equilíbrio entre a poupança e o investimento. Este indicador, explicam, pode ser “um barómetro útil das flutuações de médio prazo do dinamismo económico” e, assim, serve para verificar se e durante quanto tempo o nível de actividade económica sai beneficiado ou prejudicado pela ocorrência.

No caso das guerras, cujo impacto económico tem sido objecto de estudos frequentes ao longo dos anos, geralmente verifica-se que, a seguir a um impacto económico muito negativo, com grande destruição da capacidade produtiva, se acaba por verificar a longo prazo efeitos positivos nos ritmos da actividade económica a prazo.

No caso das pandemias não é assim. O que acontece, concluem os autores deste estudo, “é de facto o oposto”. “A conclusão a que chegaram é a de que “efeitos macroeconómicos significativos persistem a seguir às pandemias, com as taxas de retorno substancialmente deprimidas”. Em geral, a descida da taxa de juro natural começa a evoluir logo a seguir à pandemia atingindo o ponto mais baixo passados cerca de 20 anos. E apenas 40 anos depois, este indicador regressa ao nível que seria esperado caso a pandemia não tivesse ocorrido.

O que é que explica que as pandemias sejam diferentes das guerras no impacto de longo prazo na economia? A diferença é que, enquanto com as guerras, além de ocorrer uma perda de vidas humanas, com conseqüente redução da mão-de-obra disponível, acontece também uma destruição das infraestruturas e do capital. Na

pandemia, morrem pessoas, as que sobrevivem tornam-se mais receosas e prudentes na hora de trabalhar, consumir ou investir, mas as infra-estruturas e o capital ficam na mesma.

Subida dos salários reais?

É esta diferença entre a evolução da oferta do trabalho e a oferta de capital, conjugada com a diminuição da vontade de consumir e de investir que conduz a uma alteração permanente dos pontos de equilíbrio das economias. A taxa de juro natural recua, o que aponta para uma diminuição do dinamismo da economia, mas ao mesmo tempo regista-se também, nas pandemias do passado analisadas pelos autores, uma tendência de subida, acima do que seria previsível caso não tivesse ocorrido a pandemia, dos salários reais.

Esta é uma consequência lógica já que as pandemias fazem reduzir a mão-de-obra disponível, ficando os trabalhadores que permanecem activos com um maior poder de reivindicação. Ainda assim, assinalam os autores, os dados históricos mostram que é mais evidente o efeito de diminuição do dinamismo da economia do que o do aumento dos salários reais.

Há alguns factores que podem ser diferentes nesta pandemia em relação à maior parte das analisadas no passado. E o principal é o facto de, não só a perda de vidas poder acabar por não ser das mais elevadas (embora ainda seja impossível prever o resultado final), como as mortes se registam numa elevada proporção na população mais idosa, uma parte dela já inactiva no mercado de trabalho. Isto faz com que o efeito da perda de mão-de-obra possa ser menor. Contudo, há outros efeitos que se podem aplicar por inteiro ao actual cenário. A seguir a uma pandemia, as pessoas reduzem o seu nível de consumo, para recuperar a riqueza perdida durante a crise e por uma questão de precaução.

A poupança, por isso, aumenta e, em sentido contrário, vai o investimento, já que as empresas, também elas mais prudentes, ficam com menos motivos para arriscar o seu dinheiro. Isto só por si faz com que a taxa de juro natural fique a um nível mais baixo.

Este tipo de efeitos de longo prazo provocados por um choque numa economia é denominado pelos economistas como um fenómeno de histerese. É um fenómeno que, defendem alguns economistas, também se poderá verificar em consequência da crise financeira internacional de 2008/2009 e da crise da zona euro de 2011/2012.

Um dos efeitos que mais vezes se fala é o da perda de capacidades da mão-de-obra e diminuição da produtividade em resultado de um período longo de taxa de desemprego muito elevada.

O fenómeno da histerese é um dos argumentos usados na defesa da aplicação de políticas expansionistas agressivas por parte dos bancos centrais e dos Estados. Se se actuar de forma determinada no presente, evitam-se custos elevados no futuro.

Esse argumento foi usado nas mais recentes crises económicas e, tendo em conta aquilo que parece ser o custo de longo prazo das pandemias, pode sê-lo também na presente crise, numa altura em que, principalmente na zona euro, os governos continuam a não se entender sobre a dimensão e o modelo de intervenção que devem seguir para combater os impactos económicos, no curto e no longo prazo, da pandemia. Parece, no entanto, existir um consenso em relação à necessidade fazer alguma coisa para evitar uma crise prolongada, como se comprova pelo facto de, no Eurogrupo da passada quinta-feira, se ter decidido avançar, embora ainda sem detalhes, para a criação de um fundo de recuperação.

Se em relação ao longo prazo o passado dá algumas pistas, no que diz respeito ao curto prazo há uma certeza e uma grande dúvida. A certeza é que a generalidade das economias vai sofrer uma contracção acentuada durante este ano. A dúvida está em saber qual será a dimensão desta contracção.

Para Portugal, todas as previsões económicas apresentadas até ao momento são feitas traçando diversos cenários e a variação negativa do PIB estimada para este ano vai de valores que começam em 3% e acabam em 20%, com o principal diferenciador a ser a duração da crise sanitária, algo que é, talvez, a variável mais difícil de prever neste momento.

Perante isto, o Governo português decidiu adiar a apresentação do Programa de Estabilidade, onde irá divulgar as novas projecções económicas e orçamentais. Esta terça-feira, o Fundo Monetário Internacional (FMI) irá apresentar as suas primeiras previsões para a economia mundial desde que se tornou evidente a enorme dimensão da presente crise.

Fonte: Público

UMA ESTRATÉGIA GLOBAL CONTRA O COVID-19. BILL GATES

Eu venho pedindo aos líderes mundiais que invistam na saúde das populações mais pobres do mundo há 20 anos. As pandemias nos lembram que ajudar os outros não é apenas certo, mas inteligente.

Nas últimas semanas, conversei com dezenas de especialistas sobre o Covid-19, e há evidências claras de que a doença discrimina de maneiras diferentes: mata os idosos mais que os jovens, homens mais que mulheres, e tem um impacto desproporcional sobre os pobres. Mas há algo que eu não encontrei nenhuma evidência, e é que a doença discrimina com base na nacionalidade. O vírus não se importa com fronteiras. Menciono isso porque, desde que o mundo detectou a presença do patógeno, os governos se concentraram nas respostas nacionais, imaginando como podem proteger as pessoas que vivem dentro de suas fronteiras. A reação deles é compreensível, mas, para um vírus tão contagioso e disseminado, os líderes também precisam reconhecer que, enquanto o Covid-19 ainda estiver presente em algum lugar, será um problema para todos.

Até agora, a doença não atacou muitos países de baixa e média renda. Não sabemos exatamente o porquê, mas o que sabemos é que isso acabará se espalhando por eles e que, sem mais ajuda, o número de casos e o número de mortes provavelmente excederão o que foi visto até agora. Vamos pensar que o Covid-19 dominou cidades como Nova York, quando os números indicam que um único hospital de Manhattan

tem mais leitos de terapia intensiva do que a maioria dos países africanos. Milhões de pessoas poderiam morrer.

Não é necessário viver em um país em desenvolvimento para que as conseqüências de tudo isso sejam motivo de preocupação. Mesmo que os países ricos consigam conter o contágio nos próximos meses, o Covid-19 poderá surgir se a pandemia permanecer aguda o suficiente em outras áreas. Certamente será apenas uma questão de tempo até que uma região do planeta infecte outra.

Então, precisamos de uma estratégia global para combater esta doença. Suas características certamente mudarão à medida que a pandemia evoluir, mas há pelo menos três medidas que os líderes mundiais, particularmente os do G-20, podem tomar agora.

O primeiro é garantir que os recursos globais para combater a doença sejam efetivamente distribuídos; Quero dizer as máscaras, as luvas e os testes de diagnóstico. Esperamos que, no final, haja o suficiente para todos, mas enquanto a oferta global for limitada, teremos que tomar decisões inteligentes. Infelizmente, isso nem sempre está sendo feito no momento.

Há algumas coisas com as quais os líderes começaram a concordar, como fazer com que os banheiros da linha de frente sejam os primeiros a serem testados e tenham acesso prioritário ao equipamento de proteção individual. Mas pense nas decisões que estão sendo tomadas em uma escala maior. Como as máscaras e testes estão sendo distribuídos em uma comunidade ou país em comparação com outra? A resposta geralmente se resume a essa pergunta preocupante: quem é o maior lance?

Acredito firmemente no capitalismo, mas existem mercados que, pura e simplesmente, não funcionam bem no caso de uma pandemia, e o de suprimentos de emergência é um exemplo óbvio. O setor privado tem um papel importante a desempenhar, mas se a estratégia de combate ao Covid-19 resultar em uma guerra de lances entre países, a doença matará muito mais pessoas. Temos que distribuir recursos com base na

saúde pública e nas necessidades médicas. Existem muitos veteranos das epidemias de Ebola e AIDS que podem ajudar a desenvolver diretrizes que tornem isso possível, e líderes de países desenvolvidos e em desenvolvimento devem colaborar com a Organização Mundial da Saúde (OMS) e parceiros para apresentá-los. escrito. Posteriormente, todos os países participantes teriam que se inscrever para que eles pudessem ser responsabilizados. Esses acordos serão especialmente importantes quando finalmente tivermos uma vacina, porque a única maneira de acabar com essa pandemia é imunizar a população contra a doença.

Isso me leva à segunda coisa que os líderes precisam fazer: investir em pesquisa e desenvolvimento para desenvolver uma vacina. O Covid-19 trouxe muito poucas boas notícias, mas uma delas é a ciência. Há três anos, nossa fundação, juntamente com o Wellcome Trust e vários governos, lançou a Coalizão de Inovações em Preparação para Epidemias (CEPI). O objetivo era acelerar o processo de teste de vacinas e financiar maneiras novas e rápidas de desenvolver imunizações. Queríamos estar preparados para o caso de um novo vírus começar a se espalhar pelo mundo.

O CEPI já está trabalhando em pelo menos oito possíveis vacinas para o Covid-19, e os pesquisadores esperam ter pelo menos uma nos próximos 18 meses. Seria o menor tempo que os humanos levariam para desenvolver uma vacina a partir do momento em que um patógeno inteiramente novo fosse descoberto. Este termo, no entanto, depende do financiamento. Nas últimas duas semanas, muitos países fizeram contribuições para o CEPI, mas a Coalizão precisa de um mínimo de US \$ 2 bilhões [1,8 bilhões de euros] para fazer seu trabalho. Embora esse seja um número aproximado, a inovação é um caso imprevisível e os líderes do G20 já devem assumir compromissos sérios. Eles também devem reconhecer que esse financiamento é apenas para desenvolver a vacina, e não para produzi-la ou distribuí-la. Isso exigirá ainda mais dinheiro e planejamento. Para iniciantes, ainda não temos certeza de quais vacinas serão mais eficazes, e a criação de cada uma exige uma tecnologia específica. Isso significa que os países precisam investir em plantas de produção muito diferentes, sabendo que algumas nunca serão usadas. Caso contrário, quando um laboratório

tiver desenvolvido uma imunização, perderemos meses esperando pelo fabricante certo para produzi-la em larga escala.

Outra questão importante é o custo. Se, por exemplo, o setor privado estiver disposto a se voluntariar para produzir a vacina, não deve haver uma perda financeira. Ao mesmo tempo, qualquer vacina contra o Covid-19 deve ser considerada um "bem público global" e ser acessível e acessível a todos. Felizmente, existem organizações como a Aliança Global para Vacinas e Imunização (Gavi) que têm uma longa história de ajudar países de baixa e média renda a acessar imunizações críticas.

Nas últimas duas décadas, graças ao apoio do Reino Unido, Gavi colaborou com a OMS e o UNICEF para introduzir 13 novas vacinas, incluindo o Ebola, nos 73 países mais pobres. A organização está disposta a fazer o mesmo com o Covid-19 e tem capacidade para fazê-lo, mas também precisa de mais financiamento. Especificamente, serão necessários US \$ 7,4 bilhões [6,7 bilhões de euros] nos próximos cinco anos apenas para sustentar seus atuais esforços de imunização. A distribuição da vacina custará ainda mais.

Esses números de vários milhões de dólares podem parecer enormes, especialmente em um momento em que economias inteiras estão reduzindo sua atividade quase a uma parada, mas não são nada comparados ao custo de um esforço de imunização mal feito e a um surto mais longo. Venho pedindo aos líderes mundiais que invistam na saúde das populações mais pobres do mundo há 20 anos, argumentando que era a coisa certa, e é. Mas as pandemias nos lembram que ajudar os outros não é apenas certo, mas inteligente. Afinal, os seres humanos não estão unidos apenas por valores e laços sociais comuns. Também estamos biologicamente conectados por uma rede de germes microscópicos que vinculam a saúde de uma pessoa à de todos os outros. Nesta pandemia, estamos todos conectados. Nossa resposta também deve ser.

Bill Gates é co-presidente da Fundação Bill & Melinda Gates

Fonte: El País

ADEUS GLOBALIZAÇÃO, COMECE UM NOVO MUNDO. OU PORQUE É QUE ESTA CRISE É UM PONTO DE VIRAGEM NA HISTÓRIA. JOHN GRAY

As ruas desertas vão voltar a encher-se novamente e deixaremos as nossas tocas iluminadas pela luz das telas piscando com alívio. Mas o mundo será diferente de como o imaginamos no que pensávamos ser os tempos normais. Esta não é uma quebra temporária de um equilíbrio que seria estável. A crise pela qual estamos a passar é um ponto de viragem na história.

A era do auge da globalização chegou ao fim. Um sistema económico baseado na produção global e em longas cadeias de suprimentos está a ser transformado num sistema menos interconectado, e num modo de vida impulsionado pela mobilidade incessante treme e sustem-se. A nossa vida será mais fisicamente limitada e mais virtual do que antes. Nasce um mundo mais fragmentado que, de certa forma, pode ser mais resistente.

O outrora formidável estado britânico está-se a reinventar rapidamente numa escala nunca vista antes. O governo, agindo com poderes de emergência autorizados pelo Parlamento, lançou a ortodoxia económica ao mar. Abalado por anos de austeridade estúpida - como as Forças Armadas, a polícia, prisões, bombeiros, cuidadores e trabalhadores de limpeza - o Serviço Nacional de Saúde está nas cordas, mas, graças à nobre dedicação de seus trabalhadores, o vírus será mantido à distância. O nosso sistema político sobreviverá intacto. Não haverá muitos países afortunados. Governos de todo o mundo estão a lutar numa linha estreita entre suprimir o vírus ou esmagar a economia. Muitos tropeçarão e cairão.

Na visão a que os intelectuais progressistas se apegam, o futuro é uma versão mais bonita do passado recente. Isso certamente ajuda-os a preservar uma certa aparência de sanidade. A sua visão também mina o que é atualmente o nosso atributo mais vital: a capacidade de se adaptar e criar diferentes modos de vida. A tarefa a seguir é a de construir economias e sociedades mais duráveis e humanamente habitáveis do que aquelas expostas à anarquia do mercado global.

Isso não significa mudar para o localismo em pequena escala. A população humana é grande demais para que a auto-suficiência local seja viável e a maior parte da humanidade não está disposta a retornar às pequenas comunidades fechadas de um passado mais distante. Mas a hiperglobalização das últimas décadas também não voltará. O vírus expôs fraquezas fatais no sistema económico corrigido após a crise financeira de 2008. O capitalismo liberal está em falência.

Apesar de todo o seu palavreado sobre liberdade e escolha, na prática o liberalismo foi uma experiência para dissolver todas as fontes tradicionais de coesão social e legitimidade política e substituí-la pela promessa de aumentos nos padrões de vida material. Agora, essa experiência chegou ao fim.

Para acabar com o vírus, é essencial uma certa clausura económica, que só pode ser temporária, mas quando a economia recomeçar, será num mundo em que os governos agirão para conter o mercado mundial.

Uma situação em que grande parte dos suprimentos médicos mais necessários do mundo seja produzida na China ou em qualquer outro país exclusivamente não será de novo tolerada. A produção neste e em outros setores sensíveis será devolvida aos territórios dos Estados por razões de segurança nacional. A ideia de que um país como o Reino Unido possa gradualmente eliminar a agricultura e depender da importação de alimentos será descartada como o absurdo que sempre foi. O setor de companhias aéreas contrairá, porque as pessoas viajarão menos e as fronteiras rígidas tornar-se-ão uma característica duradoura do cenário global. A eficiência económica como elemento central da ação dos governos deixará de ser sustentável.

A questão é o que substituirá o aumento do padrão de vida material como fundamento da sociedade. Uma resposta oferecida pelos pensadores ambientais é o que John Stuart Mill, em seus Princípios de Economia Política (1848), chamou de "economia do estado estável". A produção e o consumo deixariam de ser um objetivo prioritário e o número de seres humanos diminuiria. Diferentemente da maioria dos liberais hoje, Mill reconheceu o perigo de superpopulação. Um mundo cheio de seres humanos, disse ele, careceria de "pontos floridos" e vida selvagem. O pensador também alertou para

os perigos do planeamento central. O estado estacionário seria uma economia de mercado na qual a concorrência seria incentivada. A inovação tecnológica continuaria e com ela a arte de viver seria aprimorada.

De muitas maneiras, a ideia é atraente, mas também irreal. Não há autoridade mundial para impor o fim do crescimento, assim como não há autoridade para combater o vírus. Ao contrário do que diz o mantra progressivo que Gordon Brown vem repetindo ultimamente, os problemas globais nem sempre têm soluções globais. As divisões geopolíticas excluem qualquer coisa que possa ter alguma semelhança com um governo mundial e, se existisse, os estados atuais competiriam para controlá-lo. A crença de que a crise pode ser resolvida com um surto sem precedentes de cooperação internacional é o pensamento mágico na sua forma mais pura.

Obviamente, a expansão económica não é sustentável indefinidamente. Para começar, ele só pode exacerbar as mudanças climáticas e transformar o planeta num aterro sanitário. No entanto, dada a acentuada desigualdade entre os padrões de vida, o crescimento populacional e a intensificação das rivalidades geopolíticas, o crescimento zero também é insustentável. Se acabarmos a aceitar os limites do crescimento, será porque os governos fazem da proteção de seus cidadãos o objetivo mais importante. Seja democrático ou autoritário, os estados que falharem neste teste hobbesiano falharão.

A pandemia acelerou subitamente a mudança geopolítica. A disseminação descontrolada do vírus no Irão, somada ao colapso dos preços do petróleo, poderia desestabilizar o seu regime teocrático. Com a queda de suas receitas, a Arábia Saudita também está em perigo. Sem dúvida, alguns terão prazer em dizer adeus a ambos. No entanto, não há garantia de que um colapso no Golfo traga consigo algo além de um longo período de caos. Apesar de anos a conversas sobre diversificação, os regimes da região permanecem reféns do petróleo e, mesmo que os preços se recuperem um pouco, o impacto económico da paralisação global será devastador.

Por outro lado, o Leste Asiático certamente continuará a avançar. Até agora, os países que deram a resposta mais eficaz à epidemia foram Taiwan, Coreia do Sul e Cingapura.

É difícil acreditar que suas tradições culturais, que dão mais importância ao bem-estar coletivo do que à autonomia pessoal, não tenham desempenhado um papel nos seus bons resultados. Eles também resistiram ao culto ao estado mínimo. Não será surpresa que eles se adaptem melhor à desglobalização do que muitos países ocidentais.

A posição da China é mais complexa. Dado seu histórico de encobrimentos e estatísticas opacas, é difícil avaliar seu desempenho durante a pandemia. Obviamente, o país não é um modelo que qualquer democracia possa ou deva imitar. Como o novo hospital Nightingale do Serviço Nacional de Saúde demonstra, regimes autoritários não são os únicos capazes de construir hospitais em duas semanas. Ninguém sabe qual foi o custo humano total da clausura chinesa. Ainda assim, o regime de Xi Jinping parece ter se beneficiado da pandemia; o vírus forneceu vários argumentos para expandir a vigilância do estado e introduzir um controle político ainda mais rígido. Em vez de desperdiçar a crise, o presidente está a usar a crise para aumentar a influência de seu país. A China está a posicionar-se estrategicamente no lugar que deveria ser da União Europeia para acorrer a governos dos estados membros, como a Itália. Muitas máscaras e kits de teste que forneceram tinham defeitos, mas isso não parece ter afetado a campanha de propaganda de Pequim.

A resposta da União Europeia à crise revelou as suas fraquezas essenciais. Poucas ideias são tão desprezadas pelas mentes superiores quanto a soberania. Na prática, isso significa a capacidade de executar um plano de emergência abrangente, coordenado e flexível, como os aplicados pelo Reino Unido e outros países. As medidas já adotadas superam as tomadas durante a Segunda Guerra Mundial e, nos seus aspectos mais importantes, também são o oposto do que foi feito na época, quando a população britânica foi alvo de uma mobilização sem precedentes e o desemprego caiu dramaticamente. Hoje, além dos que prestam serviços essenciais, os trabalhadores britânicos foram desmobilizados. Se a situação continuar por muitos meses, o fechamento exigirá uma socialização ainda maior da economia.

É duvidoso que as estruturas neoliberais queimadas da União Europeia sejam capazes de fazer algo semelhante. As regras até agora sacrossantas foram violadas pelo

programa de compra de títulos do Banco Central Europeu e pelo relaxamento dos limites dos auxílios estatais à indústria.

Mas a resistência de países do norte da Europa, como Alemanha e Holanda, em compartilhar a carga tributária pode impedir o resgate da Itália, um país grande demais para ser esmagado como a Grécia, mas possivelmente também muito caro para ser salvo. Como disse o primeiro-ministro italiano Giuseppe Conte em março, "se a Europa não enfrentar esse desafio sem precedentes, toda a estrutura europeia perde a razão de ser da cidadania". O presidente sérvio Aleksandar Vucic tem sido mais direto e realista: "A solidariedade europeia não existe ... Isso foi um conto de fadas. O único país que pode nos ajudar nessa situação difícil é a República Popular da China. Aos outros, obrigado por nada".

A principal falha da União Europeia é que ela é incapaz de cumprir as funções de proteção de um Estado. A decomposição da zona do euro foi prevista tantas vezes que pode parecer impensável. No entanto, com as tensões que enfrenta atualmente, a desintegração das instituições europeias não é um exagero. A livre circulação já foi suspensa. A recente chantagem do presidente turco Erdogan, ameaçando a UE de permitir que os migrantes cruzem as fronteiras de seu país e o resultado na província síria de Idlib poderia levar à fuga para a Europa de centenas de milhares, até milhões, de refugiados. (É difícil imaginar o que "distanciamento social" pode significar nos enormes, lotados e insalubres campos de refugiados.) Outra crise de emigração adicionada à pressão sobre um euro disfuncional pode ter resultados terríveis.

Se a União Europeia sobreviver, pode parecer o Sacro Império Romano nos últimos anos, um fantasma que subsiste por gerações enquanto o poder é exercido em outros lugares. As decisões peremptórias já estão sendo tomadas pelos estados nacionais. Como o centro político não é mais uma força de liderança e, com grande parte da esquerda agarrada ao fracassado projeto europeu, muitos governos serão dominados pela extrema direita.

A Rússia exercerá uma influência crescente sobre a União Europeia. Na batalha com os sauditas, que atuou como o gatilho para o colapso do preço do petróleo em março

de 2020, Putin teve a melhor chance. Enquanto para os sauditas o limiar da lucratividade fiscal - o preço necessário para pagar pelos serviços públicos e manter a solvência do Estado - é de cerca de US \$ 80 por barril, para a Rússia pode ser menos da metade. Ao mesmo tempo, Putin está consolidando a posição de seu país como potência energética. Os gasodutos submarinos Nord Stream que atravessam o Báltico garantem o fornecimento confiável de gás natural à Europa, tornando-o dependente da Rússia e permitindo o uso de energia como arma política. Como a China, a Rússia entrou em cena para substituir a vacilante União Européia enviando médicos e equipamentos para a Itália.

Nos Estados Unidos, Donald Trump acredita claramente que refletir a economia é mais importante do que conter o vírus. Um colapso do mercado de ações semelhante ao de 1929 e níveis de desemprego piores que os da década de 1930 representariam uma ameaça existencial à sua presidência. James Bullard, CEO do Federal Reserve de St. Louis, sugeriu que a taxa de desemprego nos Estados Unidos pode chegar a 30%, superando a da Grande Depressão. Por outro lado, considerando o sistema governamental descentralizado do país, seu sistema de saúde desastrosamente caro, as dezenas de milhões de pessoas sem seguro de saúde, uma enorme população carcerária com um grande número de idosos e doentes e cidades onde Com um número significativo de pessoas sem-teto vivendo e já sofrendo de uma epidemia generalizada de opióides, restringir o fechamento pode significar que o vírus se espalha incontrolavelmente com efeitos devastadores. (Trump não está sozinho em correr esse risco. Até agora, a Suécia não impôs algo semelhante ao confinamento obrigatório em outros países.)

Ao contrário do programa britânico, os US \$ 2 trilhões no plano de estímulo de Trump são em grande parte outro resgate para as empresas. No entanto, se dermos credibilidade às pesquisas, mais e mais americanos aprovam sua gestão da epidemia. O que acontecerá se o presidente sair dessa catástrofe com o apoio da maioria dos americanos?

Quer Trump retenha seu poder ou não, a posição dos EUA no mundo mudou irreversivelmente. O que está desmoronando a toda velocidade não é apenas a hiperglobalização das últimas décadas, mas a ordem mundial implantada após o fim da Segunda Guerra Mundial. O vírus quebrou um equilíbrio imaginário e acelerou um processo de desintegração que vem ocorrendo há anos.

Em seu importante trabalho *Plagues and Peoples (21st Century, 2016)*, o historiador de Chicago William H. McNeill afirmou:

"É sempre possível que algum organismo parasita até então desconhecido escape do seu nicho ecológico habitual e exponha as densas populações humanas que se tornaram uma característica tão marcante da Terra a uma nova e talvez devastadora mortalidade".

Ainda não sabemos como o coronavírus escapou de seu nicho, embora haja suspeita de que os mercados de Wuhan onde a vida selvagem é vendida possam ter algo a ver com isso. Em 1976, o ano original de publicação do livro de McNeill, a destruição dos habitats das espécies exóticas não havia atingido muito menos as dimensões de hoje. À medida que a globalização progrediu, também corre o risco de espalhar doenças infecciosas. A chamada gripe espanhola de 1918-1920 tornou-se uma pandemia global em um mundo sem transporte aéreo em massa. Em um comentário sobre a visão dos historiadores sobre pragas, McNeill observa: "Do ponto de vista dele, bem como de outros, os surtos catastróficos ocasionais de doenças infecciosas permaneceram bruscas repentinas e imprevisíveis da norma de que, em essência, eles escaparam de qualquer explicação histórica ". Muitos estudos subsequentes chegaram a conclusões semelhantes.

No entanto, persiste a idéia de que as pandemias são incidentes transitórios, e não parte integrante da história. Por trás disso, está a crença de que os seres humanos não fazem mais parte do mundo natural e podem criar um ecossistema autônomo, separado do resto da biosfera. Covid-19 nos diz que não é esse o caso. Só podemos nos defender contra essa praga usando a ciência; Testes maciços de anticorpos e a

vacina serão decisivos, mas se quisermos ser menos vulneráveis no futuro, teremos que fazer mudanças permanentes em nosso modo de vida.

A textura da vida cotidiana já mudou. Em todos os lugares há um sentimento de fragilidade. Além disso, o sentimento de instabilidade não afeta apenas a sociedade; O mesmo se aplica à posição dos seres humanos no mundo. Imagens virais mostram ausência humana de diferentes maneiras. Javalis perambulam pelas cidades do norte da Itália, enquanto na cidade tailandesa de Lopburi, manadas de macacos que não são mais alimentados por turistas brigam nas ruas. A beleza não humana e uma luta feroz pela vida surgiram rapidamente nas cidades esvaziadas pelo vírus.

Como vários especialistas apontaram, um futuro pós-apocalíptico como o projetado nas obras de ficção de J. G. Ballard tornou-se nossa realidade atual. Mas é importante entender o que esse "apocalipse" revela. Ballard via as sociedades humanas como cenários que podem ser derrubados a qualquer momento. As normas que se acreditava serem parte da natureza do ser humano desapareceram ao sair do teatro. As experiências mais terríveis do autor durante sua infância em Xangai, na década de 1940, não foram as que ele viveu no campo de prisioneiros de guerra, onde muitos dos presos mantiveram sua integridade e trataram os outros com bondade. Ballard era um garoto cheio de recursos e ousado e aproveitava grande parte do tempo que passava lá. Ele mesmo me disse que foi quando a guerra chegou ao fim e o campo foi desmantelado quando ele testemunhou os piores exemplos de egoísmo cruel e crueldade gratuita.

A lição que ele aprendeu foi que esse não era o fim do mundo. O que geralmente é chamado de apocalipse é o curso normal da história. Muitos surgem com trauma duradouro, mas o animal humano é forte e versátil demais para que esses distúrbios o destruam. A vida continua, embora diferente de como era antes. Aqueles que descrevem o momento atual como Ballardian não perceberam como os seres humanos se adaptam às situações extremas que ele narra e até se percebem como pessoas neles.

A tecnologia nos ajudará a se adaptar às nossas condições extremas atuais. A mobilidade física pode ser reduzida ao mover muitas de nossas atividades para o ciberespaço. Escritórios, faculdades, universidades, consultórios médicos e outros locais de trabalho podem mudar para sempre. As comunidades virtuais organizadas durante a epidemia tornaram possível que as pessoas se conhecessem melhor do que nunca.

Quando a pandemia voltar, haverá comemorações, mas pode não ficar claro quando o risco de contágio desapareceu. É possível que muitas pessoas migrem para ambientes on-line, como no Second Life, um mundo virtual no qual as pessoas se encontram, trocam e interagem no corpo e no mundo que escolherem. Pode haver outras adaptações embaraçosas para os moralistas: é provável que a pornografia na Internet cresça e muitas das datas na Web consistam em relacionamentos eróticos nos quais os corpos nunca entram em contato. A tecnologia de realidade aumentada pode ser usada para simular encontros físicos, e o sexo virtual pode voltar ao normal em breve. Pensar se tudo isso será um passo em direção a uma vida boa pode não ser a coisa mais útil. O ciberespaço depende da infraestrutura que pode ser danificada ou destruída por guerra ou desastre natural. A Internet nos ajuda a evitar o isolamento que acompanhou as epidemias no passado, mas não permite que os seres humanos escapem de nossa carne mortal ou evitem a ironia do progresso.

O progresso é reversível

O vírus nos ensina não apenas que o progresso é reversível - um fato que até os progressistas parecem ter entendido - mas que pode minar suas próprias bases. Para citar o exemplo mais óbvio, a globalização trouxe grandes avanços; Graças a isso, milhões de pessoas foram retiradas da pobreza. Agora, essa conquista está em risco. A deglobalização em andamento é filha da globalização.

Ao mesmo tempo em que a perspectiva de um padrão de vida em constante crescimento diminui, outras fontes de autoridade e legitimidade ressurgem. Seja liberal ou socialista, o pensamento progressista detesta a identidade nacional com intensidade apaixonada. A história está cheia de episódios que mostram como pode

ser mal utilizada. No entanto, o estado-nação está se reafirmando como a força mais poderosa para impulsionar ações em larga escala. Enfrentar o vírus requer um esforço coletivo que não será mobilizado para o bem da humanidade.

Como o crescimento, o altruísmo também tem limites. Veremos sinais de extraordinária abnegação antes que o pior da crise acabe. No Reino Unido, um exército da ANI. Ainda assim, seria imprudente confiar exclusivamente na compaixão humana para superar a situação. A bondade com os estranhos é tão valiosa que deve ser racionada.

É aqui que o Estado Protetor entra em jogo. Em essência, o estado britânico sempre foi hobbesiano. A paz e um governo forte têm sido suas prioridades fundamentais. Ao mesmo tempo, este estado hobbesiano confiou no consentimento, especialmente em tempos de emergência nacional. A proteção contra o perigo foi imposta à liberdade de interferência do governo.

Quanto de sua liberdade as pessoas desejarem retornar a ele após o auge da pandemia é uma pergunta sem resposta. Não parece que a solidariedade obrigatória do socialismo seja do seu agrado, mas talvez ele aceite um regime de biovigilância em prol de uma melhor proteção de sua saúde. Para sair do buraco, precisaremos de mais intervenção estatal, não menos, e também muito criativa. Os governos terão que aumentar significativamente seu apoio à pesquisa científica e à inovação tecnológica. Embora o tamanho do estado possa não aumentar em todos os casos, sua influência será generalizada e, de acordo com os critérios do mundo antigo, mais intrusiva. O governo pós-liberal será a norma no futuro próximo.

Somente se reconhecermos as fraquezas das sociedades liberais podemos preservar seus valores mais essenciais. Isso inclui, juntamente com a legitimidade, a liberdade individual, que, além de valiosa em si mesma, constitui uma verificação necessária do governo. No entanto, aqueles que acreditam que a autonomia pessoal é a necessidade humana mais profunda revelam sua ignorância na psicologia, começando pela sua. Para quase todos, a segurança e a pertença são igualmente importantes e, às vezes, mais. O liberalismo, de fato, tem sido uma negação sistemática desse fato.

Uma vantagem da quarentena é que ela pode ser usada para renovar idéias. Limpar nossa mente e pensar em como viver em um mundo alterado é nossa tarefa agora. Para aqueles de nós que não atuamos nas linhas de frente, isso deve bastar enquanto o confinamento durar.

John Gray (South Shields, Reino Unido, 1948), filósofo político, é professor emérito de pensamento europeu na London School of Economics. Seu último ensaio publicado é 'Sete tipos de ateísmo' (2019, editorial Sexto Piso).

Fonte: El País, originalmente edição d a primavera da revista 'New Statesman'.